

por onde passo
e sinto flores
revejo crianças
brincando
conversando
sorrindo
ou mesmo
caladas
alheias ao tempo

por onde passo
e sinto flores
quer seja nos jardins
quer seja nos campos
ou nas dunas
lembro
de uma flor
cor de sonho
numa manhã de abril

o tempo
que tingiu meus cabelos
descoloriu casas
encurtou meus passos
sepultou ilusões
não conseguiu murchar
a lembrança da flor
que um dia colhi
e jamais entreguei

pra Sônia

b

se refrescar na água da chuva
ou
molhar os pés... no capim orvalhado

u

o espaço sideral
mas se sentir feliz
ao (re)encontrar um amigo

s

até escrever um livro
não sem antes
enviar aquele bilhete, há tanto (a)guardado

c

descobrir terra além-mar
ou
conchas... no terreiro de casa

a

o clarão do sol
sem esquecer
a luz da lamparina, na noite chuvosa

r

um puro-sangue alazão
ou
um cavalinho... de talo de carnaubeira

sonhos
de pura magia
que nos levem
ao porto da utopia

batista filho

FLORADA NA MUNGUBA

batista filho

voa
livre
beija-flor
voa
leve
borboleta
vôo
livre
vôo
leve
entre
as
flores
na Munguba
uma
flor
uma
rosa
flor em botão
botão de rosa
flor-menina
menina-rosa
Florisbela, Mariarosa
sonho
leve
belo
sonho
uma
boneca
vestida
de
flores
e
rosas
Florisbela, Mariarosa
sonho
livre
leve
belo
sonho
breve

Florisbela se casou com o Zé da viola.

Mariarosa ganhou profissão: embala criança como se fosse boneca.

FOLHAS ETÉREAS

batista filho

A ciência nos faz conhecer melhor as estrelas - mas não amá-las.
O egoísmo nos impede de reconhecer a humanidade - nos outros!

Não posso chorar todas as lágrimas,
ou sorrir todos os risos, ou sonhar todos os sonhos do mundo.

Porém, 'quando alguém morre',
morrem sonhos - jamais sonhados;
risos se transformam em rictus de dor.
E com isso, 'também morro', um pouco,
num mar de lágrimas tristes.

Não há virtude na guerra - nem heroísmo em matar.
As armas?! As armas são cegas:
não distinguem um canhão de uma mãe - com seu filho no colo.

Guerreiros são cegos e covardes:
deixam que outros enxerguem por eles, o que não suportariam enxergar;
deixam que outros justifiquem, o que não ousariam justificar.

Guerreiros não plantam nem colhem arroz, feijão ou trigo.
Semeiam destruição e selvageria. Colhem medalhas e ódios.

Guerreiros obedecem aos seus senhores
- que sequer vão aos campos de batalha -,
pois são mais covardes ainda: tremem de medo de enfrentar a vida!

Mortos insepultos, tais senhores tentam suprimir qualquer expressão da vida,
porque sabem - toda guerra é suicida.

Não posso chorar as lágrimas, ou sorrir os risos,
ou sonhar todos os sonhos dos homens.

Posso dizer "não" a quem assassina, rouba e mente
em nome da liberdade, justiça e democracia.

Posso escrever esse poema nas folhas etéreas do vento,
na esperança que alcance corações e mentes de boa vontade.

e

pra não se sentir só
pra não enlouquecer
como se conversasse com um amigo
com gosto de arroz, feijão verde, carne de sol, macaxeira

s

pra não congelar de dor
pra não se perder em si mesmo
a despeito de todo penar, porque a vida, vale a pena
mesmo num quarto escuro, mantendo a esperançasesa

c

r

pra não esquecer
sem motivo ou por qualquer razão
que a ganância de alguns alimenta a fome de tantos
como a manhã, que nasce e morre, todo dia, aos poucos

e

v

como formiga carregadeira
por quem não aprendeu a fazê-lo
pra dizer “não” à injustiça e à mediocridade
saudando a chuva... e aquela menina de maria-chiquinha

e

poemas que jamais serão lidos
como quem descalça um sapato apertado
sem ponto vírgula ponto e vírgula exclamação
porque existe uma história a ser contada... e mil maneiras de contá-la

r

palavrasentimentos
e deixar que se vão

batista filho

folhas secas ao vento

*Para TT Catalão, que fez da palavra,
companheira fiel no estradar.*

lá no alto da duna

batista filho

no alto
da duna
tem uma casa
tem uma casa miúda
pintada de sol - no alto da duna

quando a casa amanhece
raios de sol iluminam tudo
asas ligeiras das aves pequenas
flores miúdas banhadas de orvalho
o brilho no olhar da menina faceira

ao ver a casa miúda
pintada de sol
no alto da duna

a menina faceira corre entre flores miúdas
voa com as aves pequenas de asas ligeiras
cantando e dançando
abre o sorriso
abre a porta e entra na casa miúda

pintada de sol

lá no alto da duna

a menina orvalhada voa entre flores ligeiras
corre com asas miúdas de aves faceiras
dançando e cantando
abre o sorriso da porta

e entra na duna

pintada de sol

lá no alto da casa miúda

o sol(riso)

canta e dança
com flores e aves
de forma faceira
abrindo a porta da vida

pra Nathália e Marcinha

LATA DE BISCOITOS

batista filho

porque você queria
uma lata
de biscoitos
vazia
para encher
com bilhetes
cartões de natal
santinhos de primeira comunhão
epitáfios, sementes d'outras vidas

porque você queria
uma lata
de biscoitos
vazia
para encher
com fotografias
em preto e branco
monóculos coloridos
instantâneos de vidas

porque você queria
uma lata
de biscoitos
vazia
muito depois
que você se foi
encontrei uma lata
cheia
... retalhos de nossas vidas

Pra mamãe Dadinha

MARIA BELA

batista filho

(a menina do quintal do cajueiro

que brincava sozinha

julgando-se princesa)

palavra por palavra
fizera um poema erguera uma casa
ponto a ponto tijolo após tijolo
tecera um bordado

depois
rasgado o poema
desfeita a trama
ruída a casa
o que restara?

lembranças
do
tempo
que
empregara
palavra por palavra
ponto a ponto
tijolo após tijolo
fazendo
tecendo
erguendo
um poema
um bordado
uma casa (lego)

vê-se no espelho
cansada
só
o sorriso fugaz
o olhar brejeiro
lembram
a menina do quintal do cajueiro
brincando sozinha
julgando-se princesa
na camisola da mãe

vê-se no espelho
criança outra vez
no quintal do cajueiro
na rua coronel pacífico

princesa d'uma era perdida
embarca com a maré vazante
no banheiro do lembrar
suavemente
adormece
criança
acorda
princesa
no reino distante
das conchas de ouro
do povo risonho
que vive a cantar

no reino
das conchas de ouro
depois de brincar
uma princesa
suavemente
adormeceu
e
sonhou
com uma menina
de uma terra distante
num quintal
sob um cajueiro
brincando sozinha
julgando-se princesa
na camisola da mãe

NOITE DE JANEIRO

batista filho

às margens do Parnaíba

Numa noite, quando tava sonhando,
joguei a rede nas águas barrentas deste rio.

O que peguei, seu moço...
É difícil acreditar!

A lua seguia baixa, talvez com sono,
na risca do horizonte - querendo se espichar.

Perto das Canárias, senti desassossego,
fiquei todo arrepiado!
Por um fio de nada - diria que foi medo...

Ali, pertinho do mar, a mãe d'água me acenou.
Tão bonita era, que quase pulei n'água pra viver com ela.

Deixei de lado o remo e quando ia saltando...
Senti balançar no peito a medalha de Nosso Senhor,
que minha mãe me dera.

A mãe d'água foi embora porém,
nunca esqueci a tristeza do seu olhar.

Passada a lembrança do susto,
volto a contar o que aconteceu.

Numa noite de janeiro, depois dos festejos,
quando tava sonhando,
joguei a rede nas águas deste rio.

O que peguei, seu moço...
É difícil acreditar!

A lua minguante era um fiapinho só.
Avexado pra pegar peixe - me benzi -, joguei a rede.

Ali, pertinho do mar, onde tudo aconteceu,
senti um tranco, a rede pesou tanto
que quase fui ao fundo
... Sem a Mãe d'Água me chamar!

Pra melhor entendimento,
volto pro início do acontecido.

Quando disse:
"numa noite, quando tava sonhando",
não tenho certeza se dormia ou não.

Até porque - não se sonha só dormindo -,
não se dorme só deitado:
já vi gente sonhando desperto
e outro tanto, dormindo levantado.

Pra não encompridar, é melhor chegar ao fim.
Diacho: às vezes me enrosco pelo meio!
Como vai ficar, se perco o fio do novelo?

Mas... se contar depressa, posso esquecer alguma coisa!
Pra que correr tanto - se o mundo é redondo?

Os sabidos nos ensinaram que a história tem começo,
meio
e fim.

Como tudo tá escrito ali,
dividiram em muitos capítulos
... e poucos donos,
pra facilitar nosso aprender.
Ah: quando um sabido coloca alguém num livro,
é porque é gente importante!

Como papai e mamãe são importantes,
procurei nos livros até doer as vistas.
Não achei nadinha.
Vai ver, escreveram apelidos!
Cheio de esperança vã, procurei seu Bá e Dadinha.

Pensei: e se for,
não por apelido
mas por profissão?!

E aí, danei a procurar
pelo leiteiro,
pelo padeiro,
que cedinho, em bicicletas, traziam leite e pão.

E procurei Zoró, plantador de arroz;
e Zé Toim, motorista de praça;
seu Vicente, farmacêutico dos bons;
dona Olinda, professora, plantadora de idéias...

O que ia contar mesmo?!
Per'ainda: pra que pressa?
Já tô contando...

Na verdade, tudo começou numa noite,
quando tava sonhando, joguei a rede nas águas deste rio.

O que peguei, seu moço...
É difícil acreditar!
O que pesquei naquela noite, nem foi muito grande:
mas como pesava!

Ali, pertinho do mar, onde tudo aconteceu,
senti um tranco, a rede pesou tanto,
que quase fui ao fundo.

Pra testemunhar o acontecido tive a noite,
o rio,
o mar.

Quem não puder,
ou não quiser acreditar,
pergunte à noite,
àquela noite;
ao rio,
àquele rio;
e àquele mar,
perto da Ilha das Canárias.

O que pesquei naquela noite, nem foi muito grande:
mas como pesava!

Fui puxando devagarinho, devagarinho
- pra canoa não emborcar.

Quando a rede tava toda na canoa,
percebi o quanto tava embaraçada.
Como não nasci de sete meses,
calmamente, fui desembaraçando as malhas.

O que peguei, seu moço...
É difícil acreditar!

O que pesquei é conhecido por vários nomes.
Não tem problema. Não é o mais importante.

O que pesquei, nem foi muito grande:
mas como pesava

aquele búzio!

... ou concha,

não tão grande assim.

Pensando
bem

pesando, não era tão pesado assim:

mas quase afundou a canoa!

Um simples búzio, que próximo ao ouvido
- dava pra ouvir os sons do mar.

Pra testemunhar o acontecido tive a noite,

o rio,

o mar.

Quem não puder
ou não quiser
acreditar

...

Peguei o búzio e encostei no ouvido.

Que emoção ouvir as pessoas

que não encontrara nos livros!

Até gente que nem conhecia:

suas histórias,
tristezas e alegrias,
tintim por tintim,
estava tudo lá!!!

Um vento forte soprou de repente.

As águas se agitaram.

A canoa virou.

O búzio se foi pras profundezas.

Mergulhando noutras vidas,

nadando contra a correnteza,

me aproximei da praia.

Até agora não sei,

se chorava ou sorria,

ao chegar à Ilha das Canárias.

Foi isso que aconteceu,

naquela noite de janeiro.

Escrevo sobre pessoas,

que os sabidos,

nos seus livros,

decidiram nunca contar,

por medo de lembrar.

Hoje,

escrevo sobre o que ouvi,

o que sei,

por medo de esquecer

... e o búzio, permanecendo n'água,

sepulte os risos e ais

eternamente.

um sonho
pra
se
contar
cantar
espalhar no vento
correr mundo
através do tempo

igual d
fraterni a
liber d
e

um sonho
contado
cantado
ao vento
no mundo
no tempo
será
somente
um sonho?

batista filho

Pra Rejane

OUTRA PARTE DE MIM

batista filho

pra lá d'horizonte
distância sem fim
onde o braço
num abraça
onde a vista
num avista
mora outra parte de mim

quando garro lembrá
quanta coisa
torna à vida
un'as alegre
qui dá gosto de vê
outras tão duída
qui os óio amiaça chuvê

lembrança liberta
iscrafuncha prus lado
tal rês disgarrada
magote de minino filiz
gritando e correndo
pra'donde aponta o nariz

longe, longe
onde o laço
num inlaça
distância sem fim
adonde só o pensá alcança
vive outra parte de mim

PARNAIBANO

de batista filho
para Reginaldo Costa

(o vento que sopra todo dia, o ano todo)

fortes

saudáveis

as pessoas da região

ano após ano

nada parecia mudar

a várzea

as marés

o vento marinho

a lida diária

gado

lavoura

enchente

seca

ano após ano

nada parecia mudar

a não ser

talvez

mais casas

no arraial do Canto do Igarapé

fortes

saudáveis

as pessoas da região

ano após ano

nada parecia mudar

a não ser

a várzea

talvez

as marés

uma queixa

o vento amigo

pequena

dor de cabeça

ah!

o vai

a

o

e

várzea

vento

vem

sem

que

e

cercas

sopra todo dia

vai

sem

o ano todo

das marés

dono

não sei quando
se rápido
ou lentamente
pois
 eram tão fortes
 saudáveis
 as pessoas da região
 que eu tinha certeza
 sempre estariam por lá
 na lida diária
Chico de Maria Pretinha
Maria Pretinha de Chico
Lurdes de Zoró
Zoró de Lurdes
Zé Louro de Raimunda
Raimunda
 de
 Zé Louro
 todos se foram
 ou
 voltaram
 para o pó do chão
 até as casas do Canto do Igarapé
 exceto três, de portas abertas
 e a Igrejinha de São Miguel
 ... num abandono só

tantos se foram
 ou
 voltaram
 mas
 eram tão fortes
 saudáveis
 as pessoas da região
 que eu tinha certeza
 sempre estariam por lá
 ... me esperando
 inda menino
 não percebera
 marcas indeléveis
 que o tempo
 (ligerolouco)
 a lida diária
imprimem nas pessoas
 rugas
 cicatrices
 passos cada vez mais lentos
 para o retornar
 todo dia
 um pouco

tantos se foram
ou voltaram

a várzea ##
as marés
permanecem

assim como
o vento no carnaubal
assobiando
na curva do Igarapé
no Canto do Igarapé
num
canto
de
saudade
noite a dentro
dia a fora mar sem glória
estrada longa

vento
cubra
de
encanto
aquelas
pessoas
que foram ou voltaram para
terra
da
pó
o
o
brilho
das
estrelas

v e n t o
canta cubra desenterra
teu de sonhos
canto encanto encantados
nas todas na
carnaubeiras as areia
pessoas

PÁSSARO PRETO
batista filho

negro

negro

cabelo branco

manhãs e tardes na tua varanda gradeada

ora só, numa preguiçosa

ora acompanhado, num dominó animado

mas só ou acompanhado

ouve-se cantar um pássaro cativo

negro

negro

cabelo branco

tens grades na varanda

pássaro preto

tem grades na gaiola

negro

negro

cabelo branco

ao menos tens a chave da porta

pássaro preto

...

água

arroz

tristeza

revolta

branco

branco

cabelo preto

estar

no

meio

de

gente

é

não

estar

só?

branco

branco

cabelo preto

um

homem

tendo

a

chave

da

porta

seguirá

seu

caminho (?)

que

leva

às

ruas

e

praças

sem

medo?

branco

branco

cabelo preto

já escapei

de corisco

catei

caranguejo

como

bicho

derrubei

marruá

na unha

segurei

a vida

com

os dentes

enxotei

a morte

mas

o cutelo

fatal

nos encontra

a qualquer

hora

fazendo-nos

chorar

os filhos

antes

da hora

branco

branco

cabelo preto

quantas

covas

abertas

quantos

calos

nas mãos

pro

caroço

virar

espiga

e matar

a fome

da família

desse

cristão?

branco

branco

cabelo preto

uma

coisa

intriga

por que

não

vejo

a maior

parte

dos frutos

da minha lida?

branco

branco

cabelo preto

o prefeito

o deputado

o juiz

o padre

o pastor

dizem

todos são por mim

fazem leis que me protegem

rezam horas a fio pela minha salvação

... mesmo assim

as coisas não melhoram pro meu lado

quão grande será o meu pecado?!

branco

branco

cabelo preto

o que

tem

a ver

com

meu

pecado

o pássaro

por

mim

engaiolado?

branco

branco

cabelo preto

...

ah

desejo

de ir

pra lá

do horizonte...!

ah

voz

presa

querendo

ecoar

nas folhas

dos carnaubais

onde

canta

livre

o pássaro preto!

branco

branco

cabelo preto

um dia

a correr

com o vento

volto no tempo

donde

escapei de corisco

derrubei marruá na unha

mas

se na unha

segurei a vida

se com os dentes

enxotei a morte

o tempo

sem dó

foi me enredando

hoje

estou preso

tal pássaro cativo

volto pra várzea
levo a gaiola
abro a porta
solto o pássaro
livre
o pássaro
solta um grito
solta o canto
(não de tristeza ou revolta)
olha para mim
como a dizer: - “vem!”
quedo mudo
ali parado
cantando
o pássaro voa pro infinito
tem
nada
não
passarinho
também vôo
...
um dia

poema inacabado

batista filho

em meio a desencontros
idas e vindas
encontro

escultores, repentistas
mendigos, rezadeiras, vaqueiros
bordadeiras, professoras, lavradores...
partes d'um poema

disperso pelos becos
estradas e campos

tem gente
que corre o mundo todo
que discorre sobre tudo
mas não vê

nem se reconhece
nas pessoas que vivem

cultura e arte
fugindo da fome
clamando ao céu
aboiando sonhos
bordando as manhãs
semeando mais que o abecê
plantando e colhendo o que todos hão de comer

tem gente que

julga conhecer o mundo todo e saber tudo
e tudo que sabe, saber mais que todo mundo
mas não se vê, nem se reconhece

nesses escultores, repentistas
mendigos, rezadeiras, vaqueiros
bordadeiras, professoras, lavradores...

tem gente que

se julga maior que a vida
não percebe que é simplesmente

um verso

num poema inacabado

quando te acreditei morta

batista filho

te esperei como quem sonha
pela luz cálida do sol
depois d'uma noite comprida
e da noite
se fez dia
e o sol não rompeu a bruma espessa

te esperei
como criança gulosa
aguardando impaciente
o vendedor de algodão-doce
e depois do dia
se fez noite
e o vendedor desceu por outra rua

te esperei
como quem anseia
pelo primeiro banho de chuva
depois de uma longa estiada
e fez-se dia
e fez-se noite
e a chuva não caiu

quando te acreditei morta
há muito enterrada
te vi
irrompendo da pedra dura
não árvore frondosa
quatro folhas
num raminho
verde

quando te acreditei morta
há muito enterrada
te vi
nos olhos sem pátria
de mil crianças
mil pares de olhos
sem pátria
somente
crianças

quando te acreditei morta
há muito enterrada
te vi
girando numa ciranda encantada
(que também acreditava morta
há muito enterrada)
- te encontrei, Esperança -
de braços dados com a Tristeza

Q

criou
a pedra
que afia
o fio da navalha
que corta minh'alma
e meus versos entalha?

U

acende o sol
dia após dia
pinta arco-íris
na grama orvalhada
dissipa o breu da noite
com uma luz prateada?

e

acendeu
e apagou
o fio da vida
de uma doce menina
que na sua breve existência
tornou o mundo melhor e a vida tão linda?

m

me fez
esquecer
o seu rosto
se ainda acordo
chamando o seu nome
e mesmo acordado parece que sonho
com a gente brincando de boca-de-forno
na rua Humberto de Campos?

*Pra Gorete,
minha prima,
que se foi
tão cedo.*

batista filho

sentia

SAUDADE

*mas não sabia
de quem
ou
do quê*

lembranças
boas e ruins
todo mundo tem

do instante que passou
ou duma época
muito além

mas
por que pensava que sabia
que era saudade
o que sentia?

saudade
é lembrança
mas não qualquer lembrar
ter
por um instante
alguém
(mãe, colo de mãe)
que não mais se tem

será por isso
que pensava que sabia
que era saudade
o que sentia?!

sentado no cais do porto salgado

batista filho

é um bicho
é um risco
gume de peixeira
retalhando o céu

nem bicho
nem risco
é um cisco
num canto do olho

qual o quê
nada de bicho
risco
ou cisco
é uma lágrima
num rosto
(ocaso
no cais do porto)
uma lágrima doída
sem ter pr'onde ir
só

uma

lágrima

... sem força pra cair

Curumins brincam na areia...
Mulheres espiam os filhos, o rio e o mar.
Guerreiros voltam em suas canoas ligeiras
enquanto o vento assobia:

TREMEMBÉS!

Um cantador, de repente, saiu-se com essa:

- Do mundo misterioso de cujos mistérios a gente tem fome,
nenhum pode se igualar ao mistério do bicho-homem!

Seu moço, desculpe o tratamento, me diga ligeiro-bala, sem titubear:
Por que Deus permitiu que por aqui chegasse o branco de além-mar?
Sífilis, gonorréia... trouxeram tantas outras coisas mais - uma cruz.
Chibata, grilhões: batizavam os nativos e os prendiam, como fizeram com Jesus!

Seu moço, desculpe o tratamento, me diga ligeiro-bala, sem titubear:
Por que Deus permitiu que por aqui chegasse o branco de além-mar?
Na região do Porto das Barcas, vivia uma tribo guerreira:
Crianças, mulheres, homens... nada mais resta, nem pegadas na areia!
Pra que botar filho no mundo pra ser escravo de quem quer que seja?
Melhor voltar pra terr'água, fogo e ar numa derradeira peleja...

Seu moço, me desculpe de novo, as vezes falha a memória desse cantadô:
Tem gente que diz por aí, que da raça Tremembé teve coisa que ficou:
As águas do rio que eram clarinhas viraram barrentas de tanta sangueira.
E o canto que se ouve no vento - é o espírito dos índios - nas folhas da carnaubeira."

- Do mundo misterioso de cujos mistérios a gente tem fome,
nenhum pode se igualar ao mistério do bicho-homem!

Zé Quetinha*

Espiando pegadas na várzea,
soube pr'onde ir,
atrás de boi manhoso.
E num segue que chega,
sem pressa de chegar,
seguiu pela beira do rio.

Jiquiri e unha-de-gato
espetando saudade...

"Pai, vô pro sul, atrás de milhó sorte".

Por onde andaria seu filho mais velho?

Nem deu tempo
pensar resposta,
enxugar suor,
segurar grito,
estancar sangue.

Boca da noite.

O boi urrando
saltou da capoeira,
derrubou o cavalo,
rasgou o vazio do vaqueiro.

Longe longe - o piado do caburé... o choro do vento nas carnaubeiras.

... Os olhos se fechando num'a leseira sem fim.

Perto perto, num aboio triste, rasga-mortalha se fez ouvir.

A noite,
estremecida,
se pintou de vermelho.

O corpo ali permaneceu,
breve ou longo tempo, nem sei.

Depois, sacudiu o pó,
arrumou o chapéu,
despiu-se da dor,
mas não do gibão:
su'otra pele,
curtida, no tanger gado,
desde menino,
aboindo sonhos,
daqui pra lá,
de lá pra cá...

A noite,
espantada,
silenciou grilos e sapos
ao ver Zé Quetinha,
cavalgando a lua,
no pêlo,
arrastando pela várzea
o clarão
do setestrelô.

** Vaqueiro piauiense de pouco falar, que um dia deixou escapulir: - "O barúio do vento nas carnaúba é o aboio dos anjo, reunindo as alma desgarrada do povo daqui".*